

## O MOVIMENTO CONTRA REPUBLICANO DE PASTO (1820-1825), COLÔMBIA: CONFLITOS HISTÓRICOS NÃO RESOLVIDOS E FERIDAS ABERTAS

## EL MOVIMIENTO CONTRA REPUBLICANO DE PASTO (1820-1825), COLOMBIA: CONFLICTOS HISTÓRICOS NO RESUELTOS Y HERIDAS ABIERTAS

Hugo Eliecer Dorado Mendez<sup>1</sup>  
Gilmei Francisco Fleck<sup>2</sup>

**Resumo:** As narrativas produzidas ao redor do movimento independentista colombiano estendem-se pelos mais variados gêneros discursivos da história e da ficção. Tais construções discursivas do passado se tornam ainda mais complexas quando se trata de situações históricas obscuras e contraditórias, não resolvidas nos discursos assertivos da historiografia. É o caso dos episódios acontecidos no sul da Colômbia, com foco principal na Província de Pasto, durante a guerra independentista, liderada por Simón Bolívar e seus generais. O presente trabalho visa a contribuir com os estudos sobre o movimento insurgente do sul colombiano, com foco na cidade de San Juan de Pasto, a partir da análise de algumas narrativas sobre a temática, produzidas em obras históricas e ficcionais.

**Palavras-chave:** Narrativas históricas; Ressignificação do passado; Romance histórico; Independência colombiana.

**Resumen:** Las narrativas producidas alrededor del movimiento independentista colombiano se extienden por los más variados géneros discursivos, de la historia y de la ficción. Tales construcciones discursivas del pasado se complejizan cuando se trata de situaciones históricas obscuras y contradictorias, no resueltas en los discursos asertivos de la historiografía. Es el caso de los episodios acontecidos en el sur de Colombia, con foco principal en la ciudad de San Juan de Pasto, durante las campañas independentistas, lideradas por Simón Bolívar y sus generales. El presente trabajo visa contribuir con los estudios sobre el movimiento insurgente del sur colombiano, con foco en la ciudad de San Juan de Pasto, a partir del análisis de algunas narrativas sobre la temática, producidas en obras históricas y ficcionales.

**Palabras clave:** Narrativas históricas; Resignificación del pasado; Romance histórico; Independencia colombiana.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras Português/Italiano, pela Unioeste-Cascavel-PR. Mestrando em Literatura pela UNILA-Foz do Iguaçu-PR, Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América; processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: felipebemol@hotmail.com

<sup>2</sup> Pós-doutor em Literatura Comparada e Tradução pela UVigo-Vigo/Espanha; Doutor em letras pelas UNESP-Assis-SP/Brasil; Professor associado da Unioeste-Cascavel-PR/Brasil; Professor de Literatura Hispano-americana e Cultura Hispânica na Graduação em Letras Português/Espanhol, de Literatura Comparada e Tradução no Programa de Pós-graduação em Letras-PPGL, professor de Literatura Infantil e Juvenil no Mestrado Profissional em Letras-Profletras-Unioeste-Cascavel-PR/UFRN-RN. Líder do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América; processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

## Introdução

Revisitar os eventos do passado, seja pela literatura, pela história ou pelas artes é um processo complexo em diversas formas. Giorgio Agamben (2009), no seu afamado ensaio sobre o que é contemporâneo, plantea a complexidade desse processo numa metáfora que nos permite vislumbrar o seu caráter paradoxal. Para o filósofo italiano, os eventos de tempos pretéritos são como a luz que emanam as galáxias distantes no universo, a qual viaja até nós numa velocidade proporcional à velocidade em que nos afastamos dela, criando um paradoxo que nos impede de chegar a percebê-la. De modo metafórico, Agamben exemplifica o que é ser contemporâneo, “perceber no escuro do presente a luz que procura nos alcançar e não poder fazê-lo” (2009, p. 65).

Esse paradoxo é útil para exemplificar a complexidade do processo de releitura e/ou ressignificação do passado. A produção dos discursos que olham para o nosso pretérito demanda dos literatos, historiadores, artistas etc., intrepidez e atrevimento, não só para esquadrinhar entre as ruínas do passado, mas, também, para eleger entre os materiais encontrados aqueles que lhe são caros e necessários à construção da sua obra. É um processo de locomoção no espaço-tempo, do presente ao passado, com todos os riscos que implica o trajeto de ida e de volta e a permanência, durante o tempo necessário, nesse estado pretérito da nossa existência. Cada um desses momentos pressupõe uma ameaça considerável e exige, com efeito, recursos e técnicas adequadas para a sobrevivência tanto do autor como da sua obra.

Braudel, representante da chamada segunda geração da escola de anales, base do movimento da Nova História, ao discorrer sobre os novos procedimentos do fazer historiográfico, aponta que “*existen tantas maneras, discutibles y discutidas, de abordar el pasado que actitudes hay frente al presente que la historia puede incluso considerarse como un cierto estudio del presente*”<sup>3</sup> (1970, p. 108).

Desse modo, olhar para, por exemplo, uma personagem do passado, pensar sobre ela, tentar percebê-la, descrevê-la e, de alguma forma, recriá-la no presente, equivale a uma expedição de locomoção pelo espaço e pelo tempo, de ida e de volta, do passado ao presente. Assim, nesse processo, consideram-se os diversos momentos e detalhes históricos que transcorreram desde a época revisitada, passando pelo período de produção da obra, até o momento da sua leitura crítica ou contemplativa. O resultado final da obra, o fruto dessa

---

<sup>3</sup> Nossa Tradução: “existem tantas formas, de debater e debatidas, de abordar o passado do que atitudes diante do presente, que, inclusive, a história poderia ser considerada como um certo estudo do presente.” (1970, p. 108).

expedição, será o conjunto não só das imagens pretéritas, mas de todos os elementos que nos acompanham no presente e que nos acompanharam durante a jornada, isto é, um vasto conjunto de ideologias, vozes, luzes, sombras, etc.

Tal digressão é relevante para este trabalho devido, em primeira instância, ao processo de produção de um texto crítico referente a obras que revisitam o passado é equivalente àquele mencionado. Isto é, na análise crítica de narrativas que remetem a tempos pretéritos, também nos vemos submergidos na locomoção espaço-temporal, e o fruto do trabalho investigativo estará persuadido pelo conjunto de elementos implicados nessa expedição, isto é, teorias, vivências, leituras, ideologias, etc.

Em segunda instância, explicitar, brevemente, esse aspecto do processo de revisitação do passado é importante dada à natureza deste trabalho, que visa a analisar narrativas construídas em diversos gêneros discursivos sobre um evento histórico específico. Para tal tarefa, consideramos indispensável o entendimento de que a obra que relê e ressignifica o tempo pretérito é fruto de um conjunto de elementos tanto do passado (dos muitos passados existentes, conhecidos e desconhecidos) como do presente (compreendido como uma localização espaço-temporal relativa ao momento de produção, leitura ou contemplação). Ao ter em vista tal propriedade desse tipo de narrativas históricas/ficcionais/artísticas, torna-se possível fazer uma leitura crítica consciente dos discursos erigidos sobre um episódio histórico, abandonando a nocividade da visão maniqueísta, do pré-juízo, do juízo anacrônico, ou do lugar comum no resultado final da análise.

Cada relato produzido sobre um episódio, uma ação ou uma personagem histórica possui seu valor, seja ele no viés científico ou artístico, oficialista ou transgressor, tradicional ou moderno. A sua significância radica – como aponta Fischer (1987), referindo-se às narrativas artísticas – em ser não só um reflexo do imaginário social, mas um agente transformador e potencializador da própria sociedade. De tal modo, ao orientarmos este estudo para as criações discursivas sobre o passado pela ficção, elaboradas no universo latino-americano, território marcado pelas disputas ideológicas desde seus primórdios no chamado “mundo moderno”; e, para mais, ao centrarmos-nos nas narrativas de um dos períodos históricos proeminentemente conflituos da nossa história, como foi a etapa independentista do século XIX, a atenção à análise crítica deve ser redobrada.

As campanhas políticas e militares dos territórios latino-americanos que procuraram a independência das metrópoles (Espanha e Portugal), embora tenham tido certa sincronia no

tempo (a maior parte dos decretos de independência, nos países hoje considerados latino-americanos, dá-se na primeira metade do século XIX), desenvolveram-se diferenciadamente. Cada território adotou especificidades no *modus operandi*, no status das personagens que tiveram relevância nas ações, nos ideais primários e nos interesses secundários perseguidos.

As ações emancipatórias decorreram de forma desorganizada e quase caótica em diversas nações. Elas obedeceram a diversos fatores internos e externos, alguns fortuitos outros aparentemente bem planejados. Na Colômbia, foco deste estudo, não foi diferente. As disputas políticas e as guerras, longe do exposto nos livros didáticos escolares e nos discursos simplistas propagados por muito tempo, não estiveram reduzidas a dois únicos bandos, realistas e patriotas, ou a duas formas de governo, colônia e república. Essa situação pode ser verificada nas inúmeras narrativas que abordam as incessantes lutas internas em ambos os bandos, as vias divergentes tomadas por grupos silenciados ou excluídos na formulação dos princípios de uma nova república independente, os focos de resistência e oposição surgidos em vários cantos do território, etc.

É justamente num desses complexos episódios históricos da independência colombiana que o presente estudo se centra: os movimentos contra republicanos da província de Pasto, no sul da Colômbia. Buscamos aprofundar os exames aos relatos deste episódio do passado a partir de algumas narrativas, de diversas áreas e gêneros discursivos. Os textos selecionados revisitam esse estado pretérito e formulam suas visões do que (possivelmente) aconteceu à época. Dividimos, no entanto, esse conjunto de narrativas em dois grupos centrais, apoiados no método crítico empregado por Fleck (2017), o qual se baseia na observação e no estudo do tratamento dispensado ao material histórico inserido na tessitura da narrativa, dos recursos e estratégias escriturais utilizados, da ideologia que perpassa as obras e da intenção que move a releitura proposta do passado.

Com isto, pretendemos chegar a algumas conclusões, não só sobre o episódio em si, mas, principalmente, sobre a caracterização de duas das principais linhas discursivas que sustentam as narrativas tradicionais e contemporâneas desse evento histórico. Buscamos contribuir aos estudos sobre o movimento contra republicano de Pasto por meio da análise e a compreensão de duas linhas ideológicas sob as quais muitas dessas narrativas têm se formulado até a contemporaneidade. Acreditamos que, por meio da análise dos relatos ficcionais, artísticos e históricos sobre este caso específico, é possível dar uma luz para o estudo de outras narrativas sobre diversos episódios do passado. Ademais, compreendemos

que situações históricas não resolvidas pela historiografia, como as ações que giram em torno ao movimento contra republicano de Pasto, são metonímias desta América Latina ferida por conflitos políticos, militares e sociais.

Damos passo, assim, a uma breve contextualização sobre o período histórico, a região e alguns outros pormenores fundamentais da temática que será abordada.

### **1 San Juan de Pasto contra as campanhas independentistas na Colômbia**

Ao falarmos do período de transição entre a colônia e a república na América, a delimitação de espaços geográficos e sua nomeação não é simples. Durante mais de três séculos, os colonizadores espanhóis ocuparam-se de fundar grandes comunidades imaginadas, nos termos de Anderson (1993), estruturadas social, política e culturalmente com base em elementos alheios ao universo sociocultural dos povos que habitavam estas terras. Na Colômbia, após a proclamação da independência, a divisão de territórios e o estabelecimento das fronteiras externas e internas foram impulsionados pelos patriotas na instauração do estado-nação, acatando interesses econômicos, políticos e militares, assim como fatores geográficos e culturais. Podemos compreender que as nações fundadas durante o período revolucionário da independência também são espécies de comunidades imaginadas, estas, no entanto, fundadas sobre bases pré-existentes, o que reduziu a violência decorrente de tal processo. Conservaram-se os centros de poder político, econômico e militar, a partir dos quais se delimitaram as fronteiras.

San Juan de Pasto, situada ao sul da Colômbia, não foi um desses centros de poder, era mais bem uma localidade de passagem, que conectava Quito e Guayaquil (hoje pertencentes ao Equador) a Popayán e Bogotá (hoje pertencentes a Colômbia). Dessa forma, relativamente distante dos grandes movimentos intelectuais e políticos do país, Pasto contava com certa autonomia governamental (ROSETO, 2012, p. 65-66). Para Rosero (2012, p. 39-40), tal cenário era propiciado, também, pela irregular geografia da cidade, quase isolada entre as altas montanhas da cordilheira dos Andes.

Durante um dos primeiros grandes períodos de revoltas sociais na colônia, *a revolta dos comuneros*<sup>4</sup>, no início do século XIX, as províncias do sul, entre elas a cidade de Pasto,

---

<sup>4</sup> A revolta ou rebelião dos Comuneros consistiu numa série de levantamentos de cunho popular, embora apoiados por parte das elites *criollas* na Colômbia e na Venezuela, que se estenderam pelas últimas décadas do século XVIII até a primeira década do XIX. As revoltas reivindicavam melhoras na organização social, econômica e política da colônia, mas adquiriram um caráter anticolonial em diversas regiões de ambos países.

participaram ativamente das manifestações populares, que foram bases para o posterior levantamento independentista. Um desses levantamentos, mormente registrado na historiografia, é o acontecido no município de Túquerres, pertencente à província de Pasto. Naquela ocasião, a comunidade indígena Los Pastos<sup>5</sup>, aliada a outras comunidades das camadas populares, levantou-se contra as autoridades espanholas que regiam o município, abatendo os dois regentes enviados pela coroa e tomando o controle da região por um tempo considerável. O sucesso foi reconhecido como um dos primeiros gritos pela independência no território colombiano, embora o ocorrido alguns anos depois, na mesma região, já durante as guerras independentistas, tenha diminuído o valor de tal ato revolucionário.

Em 1810, alguns anos após as primeiras revoltas dos *comuneros*, tendo já iniciado “oficialmente” o processo de independência pelas mãos da elite *criolla*<sup>6</sup>, com a proclamação da república, a província de Pasto se transforma numa espécie de polo militar e político realista<sup>7</sup>. As guerras, que se estendem por todo o território da América do Sul, assemelham-se a uma guerra civil, na qual comunidades indígenas, negras e do campo participam ativamente, tanto dentro dos bandos patriotas e realistas como em insurgências alternativas a ambos os movimentos. No ano de 1819, após a vitória patriota na rememorada Batalha de Boyacá<sup>8</sup>, finaliza-se a guerra da independência em território colombiano, segundo a história oficial. Eis o ponto de partida do que nomeamos de movimentos contra republicanos na província de Pasto, que deram início a incidentes históricos gravados até hoje no imaginário político e social colombiano.

A declaração de independência e o estabelecimento da república colombiana em 1819 estiveram longe de atender às demandas dos distintos povos que habitavam a região. No sul do país, em San Juan de Pasto, não foi distinto. Grande parte das comunidades de indígenas, negros e camponeses, assim como os cidadãos das classes baixas, não viam, na república proclamada, nada que, ao seu ver, os beneficiasse verdadeiramente. Da mesma maneira, os latifundiários, os donos de propriedades e gentes das classes dominantes na província só

---

<sup>5</sup> Comunidade indígena situada no sudoeste do território colombiano y no norte do Equador. O nome da comunidade, Pastos, aparentemente é uma adaptação ao castelhano de *past awa*, que significa “gente escorpião” na língua awa.

<sup>6</sup> *Criollos* eram denominados aqueles que descendiam de espanhóis, mas nasciam em terras americanas. Com o tempo, os *criollos* tornaram-se, também, uma classe social que tinha controle sobre o comércio e a política, além de contar com certo prestígio nestas terras.

<sup>7</sup> Foram denominados realistas os membros do exército e da cúpula administrativa que lutou em defesa do sistema colonial estabelecido pelo Reino da Espanha em território americano durante o processo independentista.

<sup>8</sup> A batalha de Boyacá teve lugar no dia 7 de agosto de 1819, com vitória para os patriotas, independentistas, que enfrentaram os realistas, defensores da coroa espanhola. A data é rememorada e celebrada na Colômbia como o dia em que a independência, proclamada em 1810, concretizou-se.

viam, na república *criolla*, o fim dos seus privilégios conquistados durante a colônia. Dessa forma, os provincianos pastusos<sup>9</sup>, aliados às últimas tropas realistas da região, formaram um aglomerado da coroa espanhola, negando-se a aceitar a nova forma de governo e lutando por seus próprios interesses.

As Campanhas do Sul, empreitada militar das tropas republicanas iniciada em 1820, buscaram a libertação final desses territórios que ainda resistiam. San Juan de Pasto, cidade principal da província, sitiada e atacada constantemente durante esses anos, finalmente é tomada, pacificamente, no dia 8 de junho de 1822, após assinada uma série de acordos. Esses acordos ou capitulações, como expõe a historiadora Zarama Rincón (2010, p. 10), foram reconhecidos pelas elites da Província, em troca de proteção, anistia e manutenção dos seus status sociais. A aparente aliança entre os “realistas” pastusos e os republicanos deixou de lado, no entanto, as camadas populares indígenas, negras e agricultoras, que, dessas capitulações, nenhuma vantagem poderiam ter.

Tais fatos provocaram, pouco tempo depois, especificamente três meses após as capitulações, em setembro de 1822, a primeira rebelião em San Juan de Pasto, a qual conseguiu a expulsão das tropas republicanas, deixando a cidade de novo em poder dos insurgentes. Em resposta, Simón Bolívar, presidente da república e general do exército “libertador”, dá a ordem de tomar de volta a cidade, enviando um dos seus homens de confiança, o general Sucre, para cumprir tal objetivo. Após uma série de batalhas, a cidade, finalmente, é retomada, no dia 24 de dezembro, numa ação sumamente violenta que se estende, para além dos insurgentes, contra os civis e o patrimônio da cidade, resultando em fuzilamentos, violações e demais atos hostis.

Esses fatídicos acontecimentos e seus pormenores são registrados, recordados e recontados na história, nas artes e na literatura desde perspectivas ideológicas muito diversas. Centramo-nos, aqui, em duas das linhas discursivas principais, as quais, apesar de se mostrarem como antagônicas, possuem um elemento em comum: o olhar maniqueísta do passado histórico. As narrativas construídas sobre essas bases discursivas discorrem sobre a retomada de Pasto, que foi o estopim do movimento contra republicano, desde visões diametralmente opostas: por um lado, considera-se o trágico evento sob os conceitos de “*navidad negra de Pasto*”, “*masacre de 1822*” ou “*genocidio en San Juan de Pasto*”; por

---

<sup>9</sup> Gentílico da cidade de San Juan de Pasto, no sul da Colômbia.

outro, sob os conceitos de “*un mal necesario*”, “*consecuencias de la guerra*” ou “*historia mal contada*”.

Em seguida, apresentamos algumas das narrativas que evidenciam essas duas perspectivas sobre o passado e suas consequências ideológicas na formação do imaginário social.

## **2 *Los pastusos preferían ser vasallos: a perspectiva histórica que condenou os habitantes de Pasto***

*Los pastusos preferían ser vasallos*<sup>10</sup> (2019) é o título de um artigo publicado no Jornal *Un Periódico*, na edição especial<sup>11</sup> do bicentenário da independência colombiana, comemorado em 2019. A edição do jornal, que é publicado pela Universidade Nacional da Colômbia, foi disponibilizada gratuitamente no Museu Nacional colombiano, durante a exposição *1819, un año significativo*, no ano da efeméride. No artigo citado, a historiadora Ángela Caicedo explana uma visão crítica em relação à posição tomada pelos pastusos durante a guerra independentista.

Numa construção narrativa orientada pelas bases da história oficial colombiana, Caicedo relata, brevemente, os pormenores da tomada de Pasto pelos patriotas, das rebeliões, das capitulações das elites e da resistência indígena e agrária à república, realizando questionáveis apreciações em referência ao povo de Pasto. Segundo Caicedo (2019, p. 5), “*para los habitantes de Pasto fue más importante ser reconocidos como ‘vasallos’, atribución propia de aquellos que profesaban obediencia y lealtad al Rey, a Dios y a la Patria*”<sup>12</sup>. Essas precipitadas afirmações desconsideram, talvez propositadamente, os interesses das classes baixas e marginalizadas da Província, interesses que desencadearam e mantiveram firmes os principais levantamentos sociais e armados da região. Para esses, mais do que ser vassallos de um rei desconhecido, interessava “*la defensa de la comunidad encarnada en sus manifestaciones materiales (tierras comunales, bienes de comunidad y cofradías, relaciones sociales regidas por el consenso y el interés colectivo) y espirituales (ritos y fiestas*

<sup>10</sup> Recorte da dissertação intitulada “*De vasallos del Rey a ciudadanos de la República. Pasto, 1809–1824*” (CAICEDO, 2013).

<sup>11</sup> Edição Nº 221/ agosto 2019. ISSN 1657-0987

<sup>12</sup> Nossa tradução: “para os habitantes de Pasto era mais importante serem reconhecidos como ‘vassallos’, atribuição própria de aqueles que professavam obediência ao Rei, a Deus e à Pátria” (CAICEDO, 2019, p. 5).

*religiosos, usos y costumbres tradicionales*)”<sup>13</sup>, tal como aponta Gutiérrez Ramos (2012, p. 245).

O texto de Caicedo (2019), a pesar de considerar alguns elementos problemáticos dos acontecimentos na cidade de Pasto entre 1820 e 1825, reduz seu discurso à defesa do processo independentista, com todas suas falhas, e à elite *criolla* que o propulsou. Reforça-se, assim, a perspectiva maniqueísta que situa os republicanos do lado “justo e benigno” da história pátria enquanto condena os pastusos.

A leitura histórica proposta por Caicedo, que procura em princípio “*dejar a un lado las miradas históricas tradicionales*”<sup>14</sup> (2019, p. 5), parece não vencer os postulados desse tradicionalismo, aliado aos centros de poder. Desconsideram-se, na narrativa, aspectos fundamentais do movimento contra republicano, como o fato de ter sido levado adiante, maioritariamente, por indígenas e camponeses, como mostra Gutiérrez Ramos (2012, p. 241-242); e sintetizam-se os motivos e ideais perseguidos por esse levantamento insurgente numa bandeira realista, sob o título “preferiam ser vassalos do rei”, juízo que não consegue abranger a natureza conflitiva do movimento.

O ensaísta Allan Gerardo Luna (2018) escreve numa linha argumentativa similar a Caicedo, numa espécie de revisionismo histórico que busca reestabelecer a hegemonia da história oficial colombiana a respeito dos acontecimentos de Pasto. Isto é, um texto de “volta às origens”, em comunhão com o discurso condenatório ao povo de Pasto, propagado por grande parte da historiografia colombiana. O ensaio, intitulado *San Juan de Pasto: ¿una provincia ‘neo-realista’? Contrasentidos en el arte, la cultura y la historia* (2018), levanta duras críticas não só ao movimento contra republicano de Pasto, mas, também, aos discursos que defendem a validade desse levantamento social no contexto da época independentista. O texto combina diversos gêneros discursivos, mostrando um tom híbrido em que se combina o fazer historiográfico, a crítica literária e da arte, a criação ficcional/artística e o estudo sociológico.

A narrativa de Luna (2018) gira em torno ao movimento do “agualonguismo”<sup>15</sup>, assim denominado pelo autor, e as manifestações contemporâneas que o preservam ou

---

<sup>13</sup> Nossa tradução: “a defesa da comunidade representada nas suas manifestações materiais (terras comunais, bens da comunidade e confrarias, relações sociais regidas consensualmente e pelo interesse coletivo) e espirituais (ritos e festas religiosas, usos e costumes tradicionais).” (GUTIÉRREZ RAMOS, 2012, p. 245).

<sup>14</sup> Nossa tradução: “abandonar os olhares históricos tradicionais” (CAICEDO, 2019, p. 5).

<sup>15</sup> O termo é utilizado em algumas outras publicações referentes à temática, pelo qual não é possível definir sua autoria.

propulsionam. O movimento “agualonguista”, desaprovado e criticado por Luna, refere-se a um conjunto de manifestações artísticas, sociais e científicas que, desde distintas áreas, tem-se encarregado de idealizar, em distintos níveis, o general Agustín Agualongo<sup>16</sup>, líder principal do movimento contra republicano de Pasto e da região do sul. O “agualonguismo” é a consagração, a idealização e o culto a Agualongo e a sua empresa contra republicana por meio da construção narrativa da sua figura e dos seus feitos. Para Luna (2018), o “agualonguismo” é parte fundamental do discurso que justifica, defende e aprova a resistência de Pasto e da região sul à república, ação condenada pelo ensaísta.

Na obra são abordadas e questionadas distintas manifestações narrativas que procuram, de alguma forma, reivindicar as ações contra republicanas dos pastusos, ações que lhes valeram o título de traidores, retrógrados ou “vassalos do rei”. Entre as obras a que Luna levanta críticas consideráveis encontramos: o romance ganhador do prêmio nacional de literatura *La carroza de Bolívar* (2012), de Evelio Rosero; o carro alegórico nomeado *El colorado* (2018), do artista plástico Carlos Insuasty, ganhador do prêmio principal no desfile do Carnaval *de negros y blancos* na Colômbia; e o ensaio histórico “*Bolívar genocida o genio bipolar*” (2009), de Isodoro Medina. Essas e outras obras citadas, para o autor, evidenciam uma leitura equivocada do passado e alimentam um movimento de reivindicação desacertado.

Luna (2018) segue a atual tendência revisionista-negacionista, que utiliza mecanismos e estratégias narrativas vinculadas à historiografia, porém, combinadas com visões distorcidas, limitadas propositadamente e relativizadas do passado<sup>17</sup>. Ao tratar da ocupação republicana de Pasto, em dezembro de 1822, ação violenta que arrasou a cidade, o ensaísta procura minimizar os acontecimentos e atenuar a fatalidade que causaram os fuzilamentos, as violações e demais atos hostis. Em primeira instância, justifica a violência das tropas republicanas, alegando um estado de ânimo alterado pela longa viagem e pela resistência dos pastusos. As tropas, diz Luna (2018, p. 13),

[...] *habían cruzado el país para ir a triunfar en el campo de Pichincha, en Ecuador, se preparaban para la gloriosa jornada de Ayacucho, en Perú y se veían obligados a retroceder a Pasto donde muchos de sus compañeros encontraron la muerte que hasta entonces habían podido evitar. ¿Qué esperaban los porfiados*

<sup>16</sup> Juan Agustín Agualongo Cisneros foi um militar do exército espanhol nascido em terras americanas, no dia 13 de julho de 1780, na cidade de Pasto, especificamente. Tornou-se, após a proclamação e instauração da república colombiana, um dos líderes do movimento contra republicano de Pasto e do sul do país.

<sup>17</sup> Para Pollak (1989), sociólogo austríaco que aborda as questões de memória, esquecimento e silêncio em referência ao holocausto na segunda guerra mundial, a relativização da história e os silenciamentos em casos de genocídios ocorrem geralmente por motivações sociopolíticas.

*realistas de antaño y los sentimentales Agualonguistas de hogaño que hicieran esos soldados? ¿Que llegaran a Pasto a cantar villancicos?*<sup>18</sup>

Relativizando a violência de tal episódio, o ensaísta explica que o número de atos violentos foi reduzido, devido a que somente um batalhão, dos sete que compunham as tropas republicanas, incorreu, por motivos justificados, em atos hostis contra a cidade e sua população. Assim, “*el número de tropa que incurrió en conductas criminales y de abuso fue significativamente bajo en comparación con la totalidad del ejército de Sucre.*”<sup>19</sup> (LUNA, 2018, p. 13).

Discursos como esses, embora busquem ostentar certa originalidade pela intensidade na sua construção narrativa, não são novidades. Como já apontamos, são narrativas que reproduzem discursos oficializados desde séculos atrás, aliados aos centros de poder político e econômico do país. Em várias das obras base da história colombiana, escritas pelos primeiros intelectuais dedicados ao fazer historiográfico no século XIX, já se configuram os discursos justificatórios da violência republicana em Pasto e as condenações aos habitantes dessa região pelo levantamento contra republicano<sup>20</sup>.

Jose Manuel Groot, em *Historia Eclesiástica y Civil de la Nueva Granada* (1889), assinala, como Luna (2018) mais de um século depois, o cansaço e o estado de ânimo das tropas republicanas como justificativa para os atos vandálicos realizados na cidade: “*las tropas irritadas con la obstinada guerra que les hacían los pastusos, saquearon la ciudad y el general Sucre hubo de permitirselo*”<sup>21</sup> (GROOT, 1889, v. 4, p. 288).

Jose Manuel Restrepo, em *Historia de una Revolución en la República de Colombia* (1858) – versão canônica e marco da produção historiográfica sobre a independência colombiana –, também descreve, nessa linha argumentativa, o episódio da tomada da cidade. Para o historiador, a destruição da cidade pelas tropas vencedoras se deveu a que estas estavam “*irritadas sobre manera por la obstinada resistencia que habían hecho sus*

---

<sup>18</sup> Nossa tradução: “[...] tinham atravessado o país para ir triunfar no campo de Pichincha, no Equador. Eles se preparavam para a gloriosa jornada de Ayacucho, no Peru e se sentiram obrigados a retroceder a Pasto onde muitos dos seus companheiros encontraram a morte que até então não tinham conseguido evitar. O que esperavam os confiados realistas do passado e os sentimentais Agualonguistas do presente que façam esses soldados? Que chegassem a Pasto cantar músicas natalinas?” (LUNA, 2018, p. 13).

<sup>19</sup> Nossa tradução: “o número de tropas que cometeu atos criminais e de abuso foi significativamente baixo se comparado com a totalidade do exército de Sucre.” (LUNA, 2018, p. 13).

<sup>20</sup> É necessário mencionar que grande parte dos historiadores e cronistas colombianos ignoram os acontecimentos ou lhes outorgam reduzida atenção e espaço dentro das suas obras. As obras mencionadas são algumas das poucas que tratam, embora brevemente, da temática.

<sup>21</sup> Nossa tradução: “as tropas, irritadas por causa da obstinada guerra provocada pelos pastusos, saquearam a cidade e o general Sucre teve que deixa-los fazer.” (GROOT, 1889, v. 4, p. 288).

habitantes”<sup>22</sup>, os quais haviam ignorado a “*generosidad con que antes los trató el Libertador*”<sup>23</sup> (1858, v. 3, p. 276). Restrepo cita, do mesmo modo, o castigo ao qual foram sometidos os habitantes da cidade, com sentenças que implicavam o pagamento de impostos adicionais, a expropriação de terras, animais e bens materiais, o recrutamento forçado de todos os homens que pudessem servir para a guerra, e mais “*castigos que resonarían en todos los ángulos de Colombia*”<sup>24</sup>. Para o historiador, “*el castigo de los habitantes de Pasto fue ejemplar y merecido; empero dejó en sus corazones el resentimiento más profundo y duradero*”<sup>25</sup>. (RESTREPO, 1858, v. 3, p. 277).

As obras brevemente citadas, duas contemporâneas e duas tradicionais, são parte das numerosas narrativas situadas na linha discursiva que condena as ações contra republicanas na cidade de Pasto, por considerá-las ora ações realistas que procuravam a manutenção da colônia ora movimentos inconscientes das elites, dos indígenas e camponeses de Pasto que buscavam a permanência dos seus privilégios. A justificção da violência, a relativização dos acontecimentos e a distorção dos ideais das insurgências de Pasto evidenciam a manipulação do passado histórico construído pelo discurso, a partir da seleção ótica do poder.

### **3 A outra cara da moeda: releitura dos acontecimentos em San Juan de Pasto**

A simplicidade da metáfora das duas caras da moeda não é útil quando pensamos na complexidade dos processos históricos latino-americanos. Contudo, parte das narrativas formuladas ao redor do episódio do qual aqui tratamos, o movimento contra republicano de Pasto, parece ter seguido essa lógica. Por isso, nesta terceira parte do texto, avançamos numa análise guiada por essa contraposição de discursos.

Alguns elementos são fundamentais na reconstrução narrativa dos episódios do passado. No caso das narrativas críticas à história oficializada sobre os acontecimentos de Pasto, entre 1820 e 1825, grande parte delas fundamentou-se sobre um conceito principal: a legitimidade das ações. A desconstrução do discurso condenatório às ações dos moradores de Pasto, formulado pela historiografia, deu-se pela apropriação das bases ideológicas que o

---

<sup>22</sup> Nossa tradução: “muito irritadas pela obstinada resistência dos seus habitantes.” (1858, v. 3, p. 276).

<sup>23</sup> Nossa tradução: “a generosidade com que anteriormente tinha-lhes obsequiado o Libertador.” (1858, v. 3, p. 276).

<sup>24</sup> Nossa tradução: “castigos que ecoariam em todos os cantos da Colômbia.” (RESTREPO, 1858, v. 3, p. 277).

<sup>25</sup> Nossa tradução: “o castigo dos habitantes de Pasto foi exemplar e merecido; porém, isto deixou o ressentimento nos seus corações mais profundo e duradouro.” (RESTREPO, 1858, v. 3, p. 277).

fundamentavam, invertendo-as para legitimar, na historiografia, o que havia sido nela antes condenado.

As bases ideológicas a que nos referimos são os ideais perseguidos e estabelecidos como estandarte pelos *criollos* durante a independência, grosso modo: liberdade, autonomia e união fraternal entre os povos americanos. A inversão feita pelas artes ocorre, então, quando as narrativas, e outras manifestações artísticas sobre o levantamento contra republicano de Pasto dão essas características ao próprio movimento dos pastusos. Diante dessa inversão de valores, temos a visão de um levantamento social que procurou “a verdadeira liberdade, a verdadeira autonomia e a verdadeira união fraternal entre os povos”, tendo de se enfrentar com os *criollos* republicanos que buscavam impedir tal realidade.

Para exemplificar essa inversão desconstrucionista do discurso oficializado à qual nos referimos, observemos algumas manifestações artísticas, literárias e historiográficas. Seleccionamos quatro especificamente: o romance *La carroza de Bolívar* (2012), de Evelio Rosero, o estudo historiográfico *Estudios sobre Bolívar* (1925), de Rafael Sañudo, e as ações artísticas *Pastusos asesinados por Simón Bolívar* (2010) e *La casa de las tres piedras* (2010), do coletivo Psicoamnesia.

O elemento crucial na formulação das narrativas mencionadas, e em outras produções que seguem a mesma linha discursiva, foi a procura da legitimidade das ações rebeldes de San Juan de Pasto e das localidades vizinhas no Sul, que causaram grande transtorno na recém-criada república colombiana e preocupação na elite *criolla* que comandava tais manifestações. De tal forma, como foi planteado, reorganizaram-se e inverteram-se os valores dos dois movimentos enfrentados, o republicano e o contra republicano, erguendo colunas que dariam base à argumentação legitimadora. Duas dessas colunas argumentativas são distinguidas em seguida, pois se destacam, ao nosso ver, pela sua relevância.

A primeira corresponde à desconstrução dos feitos da figura principal do movimento republicano, e antagonista na história de Pasto, Simón Bolívar. Não é por acaso que a maioria dos escritos e das manifestações artísticas que abordam o tema citem, direta ou indiretamente, a figura do General. É reconhecido o fato de que a figura de Simón Bolívar — líder independentista, considerado herói pátrio em vários países, inclusive na Colômbia — passou por um processo de idealização discursiva nos registros históricos oficiais, na literatura e nas demais artes. Ainda na contemporaneidade, segue-se, em grande parte das produções

artísticas e históricas, o conselho de Jose Martí (1990, p. 6) que, referindo-se a Bolívar e a outros líderes independentistas, escreveu:

*Se les deben perdonar sus errores, porque el bien que hicieron fue más que sus faltas. Los hombres no pueden ser más perfectos que el sol. El sol quema con la misma luz con que calienta. El sol tiene manchas. Los desagradecidos no hablan más que de las manchas. Los agradecidos hablan de la luz.*<sup>26</sup>

A metáfora utilizada por Martí, da necessidade de agradecer ao sol que esquenta, apesar de que com sua luz também possa queimar um pouco, parece ter sido aplicada integralmente no tratamento dado pelos cronistas, historiadores, literatos e demais intelectuais, até a atualidade, aos episódios violentos em San Juan de Pasto, principalmente àqueles de dezembro de 1822, provocados por Bolívar e as tropas republicanas.

A questão é como, na história colombiana, poderiam ser justificados tantos e tão atroz atos hostis contra uma cidade e sua população? Quatro das estratégias principais podem ser observadas no seguinte trecho: “*las tropas irritadas con la obstinada guerra que les hacían los pastusos, / saquearon la ciudad / y el general Sucre hubo de permitirselo*”<sup>27</sup> (GROOT, 1889, v. 4, p. 288). Primeiro, justificando as ações como consequências decorrentes da guerra; segundo, destacando o saqueio da cidade para encobrir outros atos hostis, como os fuzilamentos e as violações; terceiro, retirando parte da responsabilidade do general Sucre, dando a entender com a construção “teve de permitir” a impossibilidade de frear a violência; e quarto, suprimindo totalmente do contexto a figura central de Simón Bolívar, chefe do exército republicano<sup>28</sup>.

Em *La Carroza de Bolívar* (2012), Evelio Rosero desconstrói esse discurso sobre o acontecido em *la navidad negra*, massacre de 1822 na cidade de San Juan de Pasto. Por meio de uma narrativa híbrida, que combina história e ficção, o literato revisita e ressignifica o passado, mostrando uma nova perspectiva do episódio histórico, ao mesmo tempo em que se debruça sobre a situação atual do país, considerada fruto desses conflitos mal resolvidos no passado. Em determinados momentos do romance, a narrativa se centra no angustiante relato dos excessos vivenciados nas ruas de San Juan de Pasto, que se torna o cenário da “*primera*

<sup>26</sup> Nossa tradução: “Seus erros devem ser perdoados, porque o bem que fizeram foi maior do que suas faltas. Os homens não podem ser mais perfeitos do que o sol. O sol queima com a mesma luz com que aquece. O sol tem manchas. Os ingratos falam apenas das manchas. Os agradecidos falam da luz.” (MARTÍ, 1990, p. 6).

<sup>27</sup> Tradução na nota 21.

<sup>28</sup> Por razões de espaço não abordamos outros textos que utilizam estratégias similares às mencionadas, no entanto, seguem algumas das referências: *Historia de Colombia* (HENAO E ARRUBLA, 1984); *Apuntamientos para la historia*. (OBANDO, 1972).

*gran masacre de las tantas que seguirían*<sup>29</sup> (ibid. p. 213) e diante da qual “*cierran los ojos los historiadores*” (ibid. p. 230).

A narrativa se volta aos aspectos sobre como a hostilidade das tropas republicanas foi para além do campo de batalha, contra os insurgentes armados, adentrando-se na cidade e atingindo a mulheres, crianças e homens indefensos:

*La matanza empezó al amanecer, luego de derrotados los últimos milicianos de la ciudad, y digamos que a partir del mediodía la matanza se formalizó: fue carnicería; ningún oficial se prestó a detenerla; por el contrario, las órdenes eran ésas, alentar la crueldad.*<sup>30</sup> (ROSETO, 2012, p. 222).

São construídas atroz imagens ficcionais, como os corpos irreconhecíveis sepultados por outros corpos, “*muertos debajo de los muertos*”<sup>31</sup> (2012, p. 216), a decapitação do velho Galvis, de oitenta anos, no altar da igreja (2012, p. 219) ou as “nuvens” de mulheres que haviam sido mortas portando bandeiras brancas feitas com pedaços de tecido.

Essas visões espectrais do passado, advindas, segundo o narrador ficcional, de relatos e histórias populares transmitidas pela tradição oral, são complementadas e reforçadas, fora da ficção, em registros históricos que, também, seguem uma linha diversa àquela tradicional.

É o caso do estudo historiográfico de Rafael Sañudo (1925), um dos primeiros historiadores colombianos a abordar o episódio de 1822 desde um viés distinto ao oficializado, não outorgando nenhum tipo de indulgência histórica aos que orquestraram o massacre. Sañudo (1925, p. 123) descreve, assim, a desbordante violência praticada pelas tropas republicanas:

*La matanza de hombres, mujeres y niños se hizo, aunque se acogían a las iglesias; y las calles quedaron cubiertas de los cadáveres de los habitantes; de modo que el tiempo de los Rifles es frase que ha quedado en Pasto para significar una cruenta catástrofe.*<sup>32</sup>

Eis a comunhão entre as narrativas ficcionais e as narrativas históricas críticas ao discurso oficial. Ambas as construções discursivas extrapolam a atenuação da hostilidade,

<sup>29</sup> Nossa tradução: “primeiro grande massacre dos tantos que se seguiriam.” (ibid. p. 213).

<sup>30</sup> Nossa tradução: “a matança começou ao amanhecer, depois da derrota dos últimos milicianos da cidade, e digamos que a partir do meio dia a matança se oficializou: tornou-se carnicina; nenhum oficial se prestou para detê-la; tudo o contrário, as ordens eram essas, encorajar a crueldade.” (ROSETO, 2012, p. 222).

<sup>31</sup> Nossa tradução: “corpos sob corpos” (2012, p. 216).

<sup>32</sup> Nossa tradução: “A matança de homens, mulheres e crianças aconteceu, mesmo quando pediam abrigo nas igrejas; e as ruas ficaram cobertas com os cadáveres dos habitantes, de modo que ‘o tempo dos Rifles’ é a frase que em Pasto permaneceu para significar uma cruenta catástrofe.” (SAÑUDO, 1925, p. 123).

recursos próprios do discurso que tentou justificar ou relativizar a violência praticada pelas tropas republicanas na cidade de Pasto. De essas e outras narrativas, podemos inferir que as ações republicanas em San Juan de Pasto são vistas como um massacre premeditado e não como uma seqüela da guerra, subvertendo os ditames do discurso oficializado.

As memórias da hostilidade vivenciada naquele tempo transcenderiam no imaginário social de Pasto até os dias atuais, tal como profetizou o próprio Bolívar numa carta remetida ao general Santander (BOLÍVAR, 1825, s.p.)<sup>33</sup>: *“Colombia se acordará de los pastusos cuando haya el menor alboroto o embarazo, aun cuando sea de aquí a cien años, porque jamás se olvidarán de nuestros estragos, aunque demasiado merecidos”*<sup>34</sup>. As reverberações e memórias desses conflitos mal resolvidos na história colombiana também são plasmadas, fora dos círculos prestigiados da literatura e da história, no âmbito das artes urbanas.

O coletivo artístico PsicoAmnesia, fundado na cidade de Pasto, faz uso do grafite como meio emergente que gera *“impacto en quien lo ve, convirtiéndose en una forma alternativa de publicar mensajes para un público masivo, sin la necesidad de someterse al sistema oficial de medios, tan limitado por la censura y la manipulación.”*<sup>35</sup> (PSICOAMNESIA, 2011, s.p.). Em 2010, o coletivo desenvolveu uma ação clandestina em Pasto, na qual foram espalhados pelos muros da cidade vários grafites que mostravam um homem morto do lado da epigrafe *“Pastuso asesinado por: Simón Bolívar”*. O impacto que causava a imagem do homem morto, prostrado sobre seu sangue, era intensificado pela epígrafe, que vinculava a cruel cena ao “herói” independentista, Bolívar. No site online do coletivo, foi publicado uma espécie de manifesto sobre a ação, no qual se lê:

*Mientras millones de colombianos celebran el segundo centenario de la independencia, hay que recordar que –hace doscientos años– en Pasto otra fue la historia que se vivió, pues el pueblo del sur fue invadido, pisoteado y abusado. Aquí la libertad se tiñó de sangre, se perfumo de muerte, se vistió de persecución, de masacres y sacrificios. Aquí sobre esta tierra al pie del Galeras, Bolívar bautizó con muertos las calles, con violaciones las iglesias, con represiones la valentía; no dejo*

<sup>33</sup> A correspondência de Bolívar, assim como documentos e registros referentes a seus feitos estão disponíveis online no site <http://www.archivodellibertador.gob.ve/>

<sup>34</sup> Nossa tradução: “Colômbia lembrar-se-á dos *pastusos* quando houver o menor distúrbio ou a mínima dificuldade, mesmo quando seja de aqui em cem anos, porque jamais eles se esquecerão de nossa destruição, ainda que muito merecidos.” (BOLÍVAR, 1825, p. s.p.).

<sup>35</sup> Nossa tradução: “impacto em quem o vê, tornando-se numa forma alternativa de publicar mensagens para um público massivo, sem a necessidade de se submeter ao sistema oficial de médios, tão limitado pela censura e a manipulação.” (PSICOAMNESIA, 2011, s.p.).

*un sueño vivo porque sólo su sueño era posible, porque la independencia debía depender solamente de sus ideales.*<sup>36</sup> (PSICOAMNESIA, 2010, s.p.)

A reivindicação do povo pastuso, incentivada pelo coletivo por meio da ação subversiva, denuncia a contradição que fundamentou o processo independentista colombiano, o qual, ostentando estandartes de liberdade e justiça, consumou a barbárie em Pasto. Para os artistas de PsicoAmnesia, assim como para Rosero (2012) e Sañudo (1925), há uma figura que é mormente responsável pelo trágico episódio: Simón Bolívar.

Sañudo (1925, p.131), baseando-se nas cartas de Bolívar a seus generais e nos documentos oficiais, escreve a respeito:

*Ya desde que venía para Pasto, traía horribles propósitos, pues de Ibarra el 23 de Diciembre de 1822, escribía que marchaba para ensayar contra ella, el método empleado en la Ciénaga (población del Magdalena) con los Rifles, que tuvo buen efecto; y el 21 de julio desde Quito escribe a Santander: ‘Yo he dictado medidas terribles contra ese infame pueblo, y U. tendrá una copia para el Ministerio, de las instrucciones dadas al general Salom .... Las mujeres mismas son peligrosísimas’; y añade que en Pasto 3.000 almas, (no quedaban más), son enemigas ‘pero una alma de acero que no plega por nada, es preciso destruirlos hasta en sus elementos’<sup>37</sup> (grifo nosso).*

Após o episódio específico do massacre de 1822, a “mão dura” do governo republicano com o povo de Pasto se intensificou. Bolívar, dirigente máximo da Colômbia, nas suas próprias palavras, “estabelece medidas terríveis contra o infame povo de Pasto”, o qual voltará a se rebelar contra a república inúmeras vezes. Sañudo, com base em registros e documentos oficiais mostra como Bolívar forjou as ações violentas contra a cidade e seus habitantes, buscando “destruí-los até seus elementos”.

A mesma base argumentativa é desenvolvida no romance de Rosero (2012), que por meio do hibridismo entre o histórico e o ficcional, configura a um Bolívar que alentou a

---

<sup>36</sup> Nossa tradução: “Enquanto que milhões de colombianos celebram o segundo centenário da independência, é necessário lembrar que – duzentos anos atrás – a história que se passou em Pasto foi outra, visto que o povo do sul foi invadido, pisoteado e abusado. Aqui a liberdade se tingiu de sangue, sua fragrância de morte, vestiu-se de perseguição, de massacres e sacrifícios. Aqui nesta terra ao pé do *Galeras*, Bolívar batizou com mortos as ruas, com violações as igrejas, com repressões a coragem; não deixou um sonho vivo porque somente seu sonho era possível, porque a independência devia depender somente de seus ideais.” (PSICOAMNESIA, 2010, s.p.).

<sup>37</sup> Nossa tradução: “Já desde que vinha para Pasto, trazia horríveis propósitos, pois de Ibarra o 23 de dezembro de 1822, escrevia que marchava para combater contra ela, o método utilizado na *Ciénaga* (povoado do *Magdalena*) com os *Rifles*, que teve bom efeito; e o 21 de julho desde Quito escreve a Santander: ‘Ordenei medidas terríveis contra esse infame povo, e O Senhor terá uma cópia para o Ministério, das instruções dadas ao general Salom ... Mesmo as mulheres são perigosíssimas’; e acrescenta que em Pasto 3.000 almas, (não restavam mais), são inimigas ‘mas uma alma de aço que não se dobra por nada, é preciso destruí-los até seus elementos’ (SAÑUDO, 1925, p. 131, grifos nossos.).

matança e a hostilidade em Pasto por vários anos (2012, p. 190) e ditou ordens diante das quais as tropas “*debieron transformarse en animales para cumplirlas*”<sup>38</sup> (2012, p. 214).

A figura e os feitos de Bolívar, que sintetizam historicamente os ideais do movimento republicano, são desconstruídos, mostrando a outra cara do processo independentista. Dessa forma, dessacralizam-se e condenam-se as ações do movimento republicano, apontando-as como uma das causas principais da insurgência contra republicana. Isto é, apontando para os levantamentos de Pasto como uma resposta aos desvarios republicanos, e não como uma resistência em si à independência da coroa espanhola. Nessa linha de raciocínio, o movimento rebelde em Pasto e na região sul passa a ter maior legitimidade.

Feitas as considerações referentes a esse primeiro argumento legitimador, passemos para a segunda das que consideramos colunas das narrativas legitimadoras a respeito dos movimentos contra republicanos de Pasto.

Anulada a suposta benevolência da república da Colômbia que “invadiu e tiranizou” a cidade de Pasto, estabelece-se o antagonista de uma nova história que começa a tomar forma. Do mesmo modo que o fizeram os historiadores e cronistas na formação do discurso oficial republicano, os “intelectuais reformistas”, na formulação do seu discurso subversivo, erigem um herói, cuja figura e feitos serão o sustento da defesa ao movimento contra republicano. Esse herói será Agustín Agualongo.

Historiadores, literatos e artistas, na tentativa de romper com a narrativa tradicional que condenava as ações rebeldes de Pasto, terminam seguindo os mesmos modelos de construção do discurso tradicional, entre eles: a idealização e consagração de um herói messiânico, sob o qual se fundamentam o valor e a validade de um determinado ideal ou ação. Eis a problemática, à qual nos referimos, da metáfora das duas caras da moeda: apesar de que os discursos exponham duas visões opostas de um episódio histórico, seguem uma mesma lógica, sujeitos aos mesmos contornos. De volta às narrativas, observemos como é construído esse herói.

Justo Pastor, personagem principal de *La Carroza de Bolívar* (2012), parece ter claro esse processo de construção discursiva. Ao discorrer sobre a construção do mito de Bolívar-herói, a personagem se questiona: “*Pero, ¿y eso qué, Justo Pastor? El pueblo necesita de su héroe*”<sup>39</sup> (2012, p. 125). Esse pensamento, então, será perceptível na construção do próprio romance. A extinção da divisão maniqueísta entre o sagrado e o profano, o bem e o mal, o

<sup>38</sup> Nossa tradução: “tiveram que se transformar em animais para cumpri-las”. (ROSETO, 2012, p. 214).

<sup>39</sup> Nossa tradução: “Mas, e isso importa, Justo Pastor? O povo necessita do seu herói.” (PASTOR, 2012, p. 125).

herói e o vilão na história, não será o objetivo; antes, buscar-se-á a substituição desses elementos. Tal como foi feito com Colombo e Bolívar, aqui é feito com Bolívar e Agualongo.

Tanto Sañudo, nos seus *Estudios* (1925), como Rosero em *La carroza* (2012) e o coletivo PsicoAmnesia na sua ação *La casa de las tres piedras* (2010), divisam na figura do militar Agustín Agualongo a de um herói pastuso, cujos ideais e feitos, no comando do movimento contra republicano, foram destratados na história colombiana e devem ser reivindicados.

Sobre a proveniência, os ideais e o caráter de Agualongo, em *La carroza de Bolívar* (2012), durante a conversa entre diversos personagens, são expostos elementos fundamentais para a construção da figura desse “novo herói” colombiano:

– *Fue Agualongo quien decidió la participación del pueblo, justamente porque era del pueblo, un indio noble y aguerrido, más noble que cualquier criollo, un estratega que se destacaba por su don de mando e inteligencia.*

– *No era un ignorante, como lo pintan los historiadores [...]. Había nacido en Pasto, en agosto de 1780, y no era totalmente indio sino mestizo. Ojalá fuera indio completo, eso lo enaltecería más.*

– *El engaño y después la barbarie desatada en contra de Pasto sería a la larga la única explicación de su lucha, la bandera que defendería hasta morir fusilado.*<sup>40</sup> (ROSERO, 2012, p. 211).

Agualongo, o herói de Pasto, há de se opor a Bolívar, líder da elite *criolla*, em todos seus aspectos, seguindo a lógica da inversão de valores por meio da desconstrução do discurso oficial. Assim, é desenhado como um índio, ou um quase “índio completo”, nobre, valente e inteligente, advindo da camada popular de Pasto e cujos ideais e feitos, perseguidos até a morte, estiveram motivados pela barbárie republicana na sua cidade natal. Tal figura se contrapõe, no romance, a Bolívar, defensor de sua suposta pureza racial branca (2012, p. 103), covarde (2012, p. 70), corrupto (2012, p. 123) e advindo da burguesia inepta *criolla* (2012, p. 68).

A distinção, no discurso, da figura do índio como líder maior dos contra republicanos, em detrimento de alguns espanhóis realistas, líderes também do movimento, não é fortuita. Seguindo a linha de raciocínio de Treece (2008), que discorre sobre a utilização da figura do

---

<sup>40</sup> Nossa tradução: – Foi Agualongo quem decidiu a participação do povo, justamente porque era do povo, um índio nobre e aguerrido, mais nobre do que qualquer *criollo*, um estrategista que se destacava pelo seu dom de mando e inteligência. – Não era um ignorante, como o descrevem os historiadores [...] Nasceu em Pasto, em agosto de 1780, e não era totalmente índio, porém mestiço. Tomara que fosse índio completo, isso o enalteceria mais. – O engano e depois a barbárie desatada em contra de Pasto seria a longa e única explicação de sua luta, a bandeira que defenderia até morrer fuzilado. (ROSERO, 2012, p. 211).

índio como ferramenta para a construção de discursos nacionalistas e para a formação do estado, vemos que Agualongo é construído no imaginário social como um herói/mártir ligado a uma herança ancestral ameaçada até a atualidade. Sua figura é erguida como estandarte da luta do povo de Pasto e do sul do país, luta contra uma nova organização política no território que não lhes traria nenhuma vantagem e que seria como “um pesadelo do qual não é possível acordar.” (ROSETO, 2012, p. 67).

Somado a esse aspecto de uma herança ancestral sintetizada na figura de Agustín Agualongo, outro conceito é evidentemente reforçado com a sua configuração como “índio quase puro”: o movimento contra republicano não era realista, isto é, defensor da coroa espanhola.

Sobre essa particularidade do movimento, o coletivo PsicoAmnesia também se manifestou. Em 2010, o coletivo desenvolveu uma ação artística intitulada *La casa de las tres piedras* (2010) que consistiu em plasmar, nos muros da antiga suposta casa de Agualongo em Pasto, grafittis com imagem do militar junto a epigrafe “*aquí nació Agustín Agualongo*”<sup>41</sup>. A ação, que busca manter viva a memória do líder pastuso, reivindica, implicitamente, aspectos fundamentais para sua idealização, mostrando a casa humilde em que nasceu e viveu. O manifesto que acompanhou a ação foi publicado no site do coletivo. Nele são ressaltados os motivos e natureza popular da ação de Agualongo – e dos contra republicanos – que

*en realidad [...] no defendió al rey de España. El desconcertante empecinamiento de Agualongo y del pueblo pastuso se debió principalmente a la brutalidad y prepotencia con que fueron tratados desde el principio de la guerra por Bolívar y sus secuaces. Las confesiones de fidelidad al rey sólo fueron un simple pretexto, una pantalla política, una bandera de convocación y de unidad.*<sup>42</sup> (PSICOAMNESIA, 2010, s.p.).

Assim, busca-se desconstruir o discurso oficializado sobre o episódio histórico – que apontou para o movimento de Pasto como uma ação defensora do antigo regime colonial, apoiado e comandado pelos realistas –, elevando ao patamar de herói a Agustín Agualongo, que seria, na visão de Sañudo (1925, p. 284), um verdadeiro “patriota e herói de épica grandeza.”

<sup>41</sup> Nossa tradução: “Aqui nasceu Agustín Agualongo”

<sup>42</sup> Nossa tradução: “na verdade [...] [ele] não defendeu ao rei da Espanha. A desconcertante obstinação de Agualongo e do povo pastuso deveu-se principalmente à brutalidade e prepotência com que foram tratados por Bolívar e sequazes desde início da guerra. As confissões de fidelidade ao rei só foram um simples pretexto, um pano de fundo político, uma bandeira de convocação e de unidade.” (PSICOAMNESIA, 2010, s.p.).

As alegações do discurso idealizador em referência ao líder revolucionário, contudo, deparam-se com registros históricos e documentos<sup>43</sup> que indicam o envolvimento e a influência das autoridades da coroa espanhola no movimento contra republicano. Essas evidências históricas, por chamá-las de alguma forma, designam vínculos muito maiores do que simples “pretextos ou cortinas de fumaça”, como o apontam os artistas de PsicoAmnesia. Referimo-nos ao fato de que Agustín Agualongo não só era um *General de las Milicias del Rey de España*, mas, também, esteve aliado a outros militares e políticos alinhados à coroa espanhola. É um fato que não pode nem deve ser negado historicamente.

A posição que Agualongo chegou a alcançar no exército realista na América e os vínculos que estabeleceu com figuras de relevância dentro da colônia, ainda que sendo um mestiço da camada popular de Pasto, são compreensíveis e não se explica a necessidade de negá-los ou ocultá-los no discurso de reivindicação. A conturbada época independentista provocou inúmeras alianças entre comunidades, ideologias e culturas muito diversas, o que não significou a total absorção de todas elas dentro de um mesmo ideal, fosse independentista ou realista. Em outras palavras, o fato de que mestiços, camponeses, negros e índios de Pasto e do sul da Colômbia tenham levado adiante o movimento insurgente contra republicano em colaboração com alguns poucos realistas, por que de fato os registros indicam pouca participação do exército realista nas ações, não significa sua submissão ao sistema colonial. Eis um ponto que deve continuar, ao nosso ver, sendo problematizado a fundo nas artes, na literatura e na história, abandonando o tratamento maniqueísta do passado e os modelos tradicionais discursivos que primam pela idealização exacerbada de figuras e a deslegitimação de outras.

A manutenção desses modelos tradicionais na revisitação, reconstrução e ressignificação dos eventos do passado, seja desde uma perspectiva oficialista ou desconstrucionista, seja na historiografia ou na literatura, acarreta graves falências nos discursos formulados. Esses, assim, tornam-se passíveis a uma crítica ostensiva e possibilitam a manutenção de uma estrutura que prima pelas dicotomias simplistas da organização social e histórica.

---

<sup>43</sup> Dado que o objetivo do texto é a análise dos discursos formulados ao redor do episódio histórico citado, e em consideração do espaço do texto, não abordarei esses registros e documentos. Contudo, seguem algumas referências de textos que aprofundam a análise da vida e dos feitos de Agustín Agualongo: *Agustín Agualongo y su tempo* (ELÍAS ORTIZ, 1987); *Agualongo caudillo pastuso y prócer colombiano* (DÍAS DEL CASTILLO, 1982).

## **Transcender a dualidade da moeda: considerações finais**

Ao tratarmos do passado histórico da América Latina, entramos num território repleto de sombras e paradoxos. O estado de desenvolvimento político, social e cultural do continente evidencia, na atualidade, diversas problemáticas que encontram seus fundamentos num período pretérito. Daí a importância do afã investigativo e imaginativo na revisitação e ressignificação dos eventos do passado na história, na literatura e nas artes. Esse afã, no entanto, não deve ser confundido com um trabalho vertiginoso e frívolo, cuja perspectiva caia na simplicidade do olhar maniqueísta e dualista. Antes, buscar-se-ão, nas fontes usuais e inusuais, as luminescências de um passado que sobreviva, para além dos livros e registros históricos, nas vozes e nos gestos da sociedade atual.

Situações históricas não resolvidas pela historiografia, como o massacre de dezembro de 1822 no sul da Bolívia e outras ações que giram em torno ao movimento contra republicano de Pasto, são, aos meus olhos, metonímias desta América Latina ferida por conflitos políticos, militares e sociais. E, como tal, o tratamento a ser dado em qualquer área que vise à reconstrução desses episódios, por via científica, artística ou literária, deve superar os modelos discursivos tradicionais, baseados no maniqueísmo ideológico.

No presente texto evidenciamos duas perspectivas do mesmo episódio histórico da Colômbia, ocorrido durante o período de independência e de instauração do modelo republicano, entre os anos de 1820 e 1825. Tais concepções do passado, opostas entre si, têm sido responsáveis pela manutenção, no imaginário social e político, de uma visão simplista e partidária desse tempo pretérito, fundada na dualidade ideológica. Foram abordadas narrativas históricas, artísticas e literárias, tradicionais e contemporâneas, que, até os dias atuais, transitam por essas duas concepções do episódio histórico, replicando discursos fundados séculos atrás. Ante tal fato, consideramos pertinente a nossa tarefa como críticos, tanto para a compreensão e transformação ou extinção desses modelos tradicionais, como para a promoção de outras formas de tratamento do passado. Eis o caso, por exemplo, do romance *Verdes Sueños* da escritora colombiana Cecilia Caicedo Jurado, publicado em 2012, obra que transita entre a tradição e a renovação no discurso formulado sobre os eventos trágicos de 1822 em Pasto. Sua leitura fica como sugestão àqueles que, interessados em ressignificações do passado, buscam por alternativas possíveis para “os dois lados da moeda”, já que ela tem, também, a sua terceira dimensão: as bordas.

## Referências

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora Argos, 2009.
- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. Trad. Eduardo L. Suárez. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- BOLÍVAR, S. *Documento 972. Carta del libertador Simón Bolívar al general Francisco de Paula Santander*. Potosí, 21 de octubre de 1825. Disponível em: <http://www.archivodellibertador.gob.ve/escritos/buscador/spip.php?article457>. Acesso em: 19/12/2019.
- BRAUDEL, F. *La historia y las ciencias sociales*. Trad. Josefina Gómez Mendoza. Madrid: Alianza Editorial, 1970.
- CAICEDO, A. Los pastosos preferían ser vasallos. *Un Periódico*, nº 221/ agosto 2019.
- FISCHER, E. *A necessidade da arte*. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo*. Curitiba: Editora CRV, 2017.
- GROOT, J. M. *Historia eclesiástica y civil de Nueva Granada*. 5 vol. Bogotá: Cromos, Biblioteca de Autores Colombianos, 1889.
- GUTIÉRREZ RAMOS, J. *Los indios de Pasto contra la República (1809-1824)*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, icanh, 2012.
- LUNA, A. G. *San Juan de Pasto: ¿una provincia 'neo-realista'? Contrasentidos en el arte, la cultura y la historia*. 2018. Disponível em: <https://premiocritica.uniandes.edu.co/?texto=san-juan-de-pasto-una-provincia-neo-realista-contrasentidos-en-el-arte-la-cultura-y-la-historia>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- MARTÍ, J. *La edad de Oro*. Madrid, Mondadori, 1990.
- PSICOAMNESIA, Coletivo Artístico. *Pastosos asesinados por Simón Bolívar*. 2010. Disponível em: <http://psicoamnesia.blogspot.com/2010/11/simon-bolivar.html> Acesso em: 05/01/2020.
- PSICOAMNESIA, Coletivo Artístico. *La casa de las tres piedras*. 2010. Disponível em: <http://psicoamnesia.blogspot.com/2010/11/simon-bolivar.html> Acesso em: 05/01/2020.
- RESTREPO, J. M. *Historia de la revolución de Colombia*. 8 vol. Medellín: Bedout, 1858.
- ROSETO, E. *La Carroza de Bolívar*. Barcelona: Tusquets, 2012.

SAÑUDO, J. R. *Estudios sobre la vida de Bolívar*. Bogotá: Planeta, 1995; [1925].

TREECE, David. *Exilados, aliados e rebeldes*. O movimento indianista, a política indígenista e o Estado-nação imperial. São Paulo: Nankin/Edusp, 2008.

ZARAMA RINCÓN, R. I. El realismo pastuso en el proceso independentista, 1809-1826. *Ensayos históricos*, v. 22, n.º 22, p. 31-45, 2010. Disponível em [https://saber.ucv.ve/ojs/index.php/rev\\_eh/article/view/5193/5000](https://saber.ucv.ve/ojs/index.php/rev_eh/article/view/5193/5000). Acesso em: 15 dez. 2019.

*Recebido em 19 de janeiro de 2020.*

*Aceito em 20 de abril de 2020.*